

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES
CONTEMPORÂNEAS

**O CONTO “CHANTAL” E A FASE MORAL DO PENSAMENTO DE SIMONE
DE BEAUVOIR**

Luana De Matos Guimarães (guimaraesluana.m@gmail.com)

Rodolfo Rodrigues De Souza (rodolforsouza@gmail.com)

O estudo analisa o conto Chantal, de Quando o espiritual domina, de Simone de Beauvoir, em articulação com Pirro e Cinéias e Por uma moral da ambiguidade, obras que compõem a chamada fase moral de seu pensamento. O objetivo é examinar de que modo o conto encena, na concretude da experiência vivida das personagens, noções filosóficas centrais dessa fase - em particular má-fé, seriedade e contemplação estética - e quais implicações esse movimento tem para a compreensão da condição humana e para a prática clínica psicológica. A análise é conduzida por leitura filosófico-literária de orientação fenomenológico-existencialista, que toma o vivido ficcional como lugar de elaboração de problemas éticos e não como ilustração de teses previamente estabelecidas, isto é, não se trata de aplicar conceitos ao texto, mas de deixar que as situações narradas iluminem e sejam iluminadas pelas noções filosóficas desenvolvidas por Beauvoir em sua fase moral. Argumenta-se que o conto articula a crítica beauvoiriana à moralidade espiritualista com a questão da má-

fé, da seriedade e da busca por autenticidade, com questões concretas sobre a situação das mulheres que permanecem atuais, o que evidencia a atualidade da crítica beauvoiriana. Além disso, a contraposição entre as personagens Chantal e Andrée configura dois modos de relação com a própria liberdade - e, por extensão, dois modos de presença clínica. De um lado, a má-fé de Chantal, do outro, o despertar de Andrée, não se tratando de casos isolados, mas da mesma estrutura existencial vista de dois ângulos - o da recusa e o da abertura. O conto oferece um horizonte ético para a clínica psicológica fenomenológico-existencialista, pois evidencia que a má-fé de Chantal e a situação de opressão vivida por Andrée não são fenômenos da mesma ordem: a primeira é recusa livre de si; a segunda acena para o peso de condições que limitam o próprio exercício da liberdade. Essa distinção tem consequências diretas para a clínica, pois reconhecer as marcas de opressão que atravessam o encontro clínico não é reduzir uma pessoa à sua facticidade, mas criar condições para que a liberdade possa ser exercida de modo situado, o que o conto encena, ainda que ficcionalmente, com precisão ética. Conclui-se que os textos literários iniciais de Beauvoir oferecem contribuições para a compreensão da condição humana e para os fundamentos de uma ética da ambiguidade com relevância filosófica e clínica.

Palavras-chave: simone de beauvoir; ética existencialista; fenomenologia; má-fé; seriedade.